

O “DIA DE CRISTO” EM FILIPENSES

Ricardo Lengruber Lobosco

Introdução

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre o significado da expressão “Dia de Cristo” na carta do apóstolo Paulo aos filipenses.

A expressão ocorre três vezes na carta: em Fl 1,6; 1,10 e 2,16. Embora a expressão “dia de Cristo (Jesus)” seja própria de Filipenses, no *corpus* paulino, ocorre “dia do Senhor” em 1Cor 5,5 e em 1Ts 5,2 (cf. também 1Cor 1,8 e 2Cor 1,14); em Rm 2,16, em 1Cor 3,16 e em 1Ts 5,4, aparece “o dia”.

Em Filipenses, na primeira e segunda ocorrências, o contexto é o exórdio (1, 1-11) que abre a carta e com o qual Paulo agradece a Deus pela vida e pelo empenho dos filipenses na obra do evangelho. Em 2,16, o contexto é o da exortação apostólica cujo motivo central é o hino cristológico de 2,6-11; os versículos introdutórios ao hino (2,1-5) e os que o sucedem (2,12-18) funcionam como uma admoestação do apóstolo para que os filipenses preservem o amor e a humildade de Cristo.

Parece que a expressão é utilizada como eco de antigas tradições escatológicas vétero-testamentárias relacionadas ao *yom adonay* (o dia de Javé).

Daí o caminho adotado nas linhas que se seguem: 1) averiguar o tema no Antigo Testamento; 2) no Novo Testamento; 3) analisar brevemente a noção de *parusia* em Paulo; e 4) refletir sobre a expressão “dia de Cristo” na carta a Filipos.

1. O *dia* no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, há diversos textos que mencionam um “dia do Senhor”; como exemplos podem ser citados Is 2,12; 13,6-9; 22,5; 34,8; Jr 46,10; Ez 7,10; 13,5; 30,3; Jl 1,15; 2,1s.11; 4,14; Am 5,18-20; Ab 15; Sf 1,7s.14-18; Zc 14,1.

Na Obra Histórica Deuteronomista (especialmente Dt, Js, Jz e 1Sm), o tema está relacionado às inúmeras disputas quando da ocupação de Canaã. O ambiente é o das batalhas sangrentas que, depois de muita luta e dor, termina com uma teofania.

Em Is 13; 34; Ez 7; Jl 2 (e Sf 1) a ideia é a de um “dia” relacionado com a instituição da *guerra santa*. Originalmente, nesta guerra, o próprio Deus intervém nas batalhas e luta ao lado de Israel contra os inimigos. Nesses textos, contudo, a temática ganha novos contornos e o Dia do Senhor assume o caráter de batalha e vitória absoluta de Javé; daí o fato de este *dia* estar frequentemente relacionado a sinais de terremoto e trevas, ou mesmo de uma praga de gafanhotos.

Assim, por exemplo,

Clamai, pois, o dia do Senhor está perto; vem do Todo-Poderoso como assolação. Portanto, todas as mãos se debilitarão, e o coração de todos os homens se

desanimará. E assombrar-se-ão, e apoderar-se-ão deles dores e ais, e se angusti-
arão, como a mulher com dores de parto; cada um se espantará do seu próximo;
os seus rostos serão rostos flamejantes. Eis que vem o dia do Senhor, horrendo,
com furor e ira ardente, para pôr a terra em assolação, e dela destruir os pecado-
res (Is 13,6-9).

Ou ainda,

Tocai a trombeta em Sião, e clamai em alta voz no meu santo monte; tremam to-
dos os moradores da terra, porque o dia do Senhor vem, já está perto; dia de tre-
vas e de escuridão; dia de nuvens e densas trevas, como a alva espalhada sobre os
montes; povo grande e poderoso, qual nunca houve desde o tempo antigo, nem
depois dele haverá pelos anos adiante, de geração em geração (Jl 2,1-2).

E,

O grande dia do Senhor está perto, sim, está perto, e se apressa muito; amarga é a
voz do dia do Senhor; clamará ali o poderoso. Aquele dia será um dia de indigna-
ção, dia de tribulação e de angústia, dia de alvoroço e de assolação, dia de trevas
e de escuridão, dia de nuvens e de densas trevas, dia de trombeta e de alarido
contra as cidades fortificadas e contra as torres altas. E angustiarei os homens,
que andarão como cegos, porque pecaram contra o Senhor; e o seu sangue se
derramará como pó, e a sua carne será como esterco. Nem a sua prata nem o seu
ouro os poderá livrar no dia da indignação do Senhor, mas pelo fogo do seu zelo
toda esta terra será consumida, porque certamente fará de todos os moradores da
terra uma destruição total e apressada (Sf 1,14-18).

O que parece ocorrer, nos textos proféticos, é uma atualização sobre tradições
muito antigas da história de Israel. Se, no passado, o Dia de Javé representa a interven-
ção libertadora de Deus em prol de seu povo; agora, o novo na pregação profética é o
fato de o Dia do Senhor ser, em lugar de salvação, o juízo realizado de Javé sobre Israel
e as decorrentes punições de tal julgamento. Em Am 5,18-20, por exemplo,

Ai daqueles que desejam o dia do Senhor! Para que quereis vós este dia do Se-
nhor? Será de trevas e não de luz. É como se um homem fugisse de diante do
leão, e se encontrasse com ele o urso; ou como se entrando numa casa, a sua mão
encostasse à parede, e fosse mordido por uma cobra. Não será, pois, o dia do Se-
nhor trevas e não luz, e escuridão, sem que haja resplendor (Am 5,18-20)?

Historicamente, a título de exemplo, parece claro que a ruína de Jerusalém em
586 aC é uma realização do Dia de Javé. A aliança firmada foi corrompida por Israel e
a punição consequente de tal ruptura é a emergência de um dia de trevas e pranto.

Inicialmente, a ideia fundamental associada ao Dia de Javé é a da intervenção
salvadora de Deus em benefício de seu povo. O “dia” se aplica a acontecimentos do
curso da história e, justamente por isso, sua origem não deve ser buscada numa mitolo-
gia germinal sobre guerra de deuses (ainda que haja traços míticos no imaginário po-
pular que cerca as ideias acerca do “dia”), tampouco em datas comemorativas e/ou
festas religiosas (como uma suposta entronização de Javé).

Aos poucos, porém, o Dia de Javé, na pregação dos profetas, adquire um significado escatológico¹. Se em Jl 1, por exemplo, se trata da descrição do julgamento de Deus contra um determinado inimigo histórico; em Jl 3, em contrapartida, percebe-se que o texto assume um colorido escatológico, já que, nesse texto, o Dia de Javé é um julgamento final de dimensões cósmicas e de abrangência universal.

E há de ser que, naquele dia, os montes destilarão mosto, e os outeiros manarão leite, e todos os rios de Judá estarão cheios de águas; e sairá uma fonte, da casa do Senhor, e regará o vale de Sitim. O Egito se fará uma desolação, e Edom se fará um deserto assolado, por causa da violência que fizeram aos filhos de Judá, em cuja terra derramaram sangue inocente (Jl 3,18-19).

Em Ab 15,21 e em Jl 4,20s, a noção acerca do Dia de Javé como ocasião do juízo divino soma-se à ideia do *resto*. Segundo tal ponto de vista, o Dia não é o aniquilamento total e definitivo, antes, ao menos para o resto santo, a oportunidade de passagem para um futuro escatológico novo no qual Deus aceitará novamente a Israel.

Mas Judá será habitada para sempre, e Jerusalém de geração em geração. E purificarei o sangue dos que eu não tinha purificado; porque o Senhor habitará em Sião (Jl 3,20-21).

Na Apocalíptica² judaica, o Dia de Javé representa, fundamentalmente, o dia de juízo. Em Baruc siríaco 48,47 e 49,2 está citado o “teu dia” (dia de Deus); em 4 Esdras

1. Sobre os principais elementos presentes no conceito de “Escatologia” no Antigo Testamento, cf. CORREA LIMA, Maria de Lourdes. *Salvação entre juízo, conversão e graça. A perspectiva escatológica de Os 14,2-9*. Roma, 1998, p. 46-47. Para a autora, são: 1) a ideia de um fim, que pode ser o fim absoluto da história, (...) ou o fim relativo, ou seja, o cessar de determinadas circunstâncias. Em ambos os casos focaliza-se o aspecto de que este fim representa a conclusão de uma época de tempo; 2) a ideia de um novo início, seja indicando a salvação definitiva neste mundo ou num outro ‘eón’, seja referindo-se à introdução de um estado de coisas renovado e de índole intra-histórica; 3) a distinção clara de duas épocas de tempo, a primeira marcada pelo mal e pelo pecado, a segunda caracterizada pela reintegração no bem; 4) a delimitação de uma e outra época através de uma quebra de continuidade, que introduz uma mudança radical no primeiro período de tempo aí considerado; 5) a convicção de que esta quebra é causada pela intervenção de Deus na história e ultrapassa as possibilidades intrínsecas desta; 6) esta intervenção significa o juízo de Deus para uma determinada situação ou para a história em seu conjunto, após o qual irrompe a era de salvação; 7) o aspecto de definitividade, que pode dizer respeito à própria interrupção das circunstâncias presentes e/ou à instauração da nova ordem de coisas, uma e outra de duração permanente; 8) a concepção da próxima época de tempo como essencialmente “nova” e que, podendo embora corresponder a representações pertencentes à experiência passada de Israel, as ultrapassa e leva à plenitude; e 9) a concepção que a escatologia diga primordialmente respeito à renovação interior, ou à renovação de uma ordem de coisas, que pode incluir também dimensões cósmicas.
2. Sobre a Apocalíptica, cf. DINGERMANN, Friederich. O anúncio da caducidade deste mundo e dos mistérios do fim. Os inícios da apocalíptica no Antigo Testamento. In: SCHREINER, Josef. *Palavra e mensagem. Introdução teológica e crítica aos problemas do Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 457-474. “Com a nascente apocalíptica, a escatologia antio-testamentária entra no seu estágio ‘transcendente’, no qual se considera o fim da história e a vinda de um mundo novo. A visão nova das coisas na espera da salvação se desenvolve nos profetas pós-exílicos, principalmente em Zacarias e Joel, sob a pressão da existência presente, atribulada e atormentada, que não corresponde às sonoras profecias de salvação dos profetas anteriores. No livro de Daniel (7-12), a apocalíptica atinge a sua primeira e única, mas, mesmo assim, elevada expressão no Antigo Testamento. Ela se reveste de imagens misteriosas, de símbolos e visões e é atribuída a algum homem de Deus dos tempos antigos. Ela tem um estilo próprio e uma linguagem especial; aproxima-se do modo de exprimir e das formas literárias dos profetas e usa também a doutrina sapiencial. A distância entre Deus e o homem se torna maior, de modo que aparecem seres celestes como mediadores. Opõem-se numa concepção dualística, reino do mundo e reino de Deus. A irrupção a soberania divina é esperada somente por uma iniciativa divina. A apocalíptica procura penetrar com o seu olhar o curso da história do mundo e calcular o seu fim. Com uma impaciente expectativa ela promete aos fiéis para breve o cumprimento do evento escatológico, o juízo do mundo, que para eles será salvífico, a ressurreição dos mortos e a participação na soberania de Deus.”

13,52, “o dia do Messias”; e em Henoc etiópico 61,5 ocorre “o dia do Eleito (do Servo)”. Em todas as passagens, o Dia é a ocasião do julgamento final e definitivo e, ao mesmo tempo, oportunidade de salvação escatológica, diante da irrupção nova e renovadora do Reino.

2. O *dia* no Novo Testamento

No Novo Testamento, a dinâmica de compreensão acerca do tempo³, embora firmemente ancorada nas tradições vétero-testamentárias, adquire uma dimensão nova, refletida, por exemplo, na complexidade do vocabulário empregado.

1Pd 2,12 fala de um “dia da visita”; Rm 2,5 cita o “dia da ira”; 2Pd 2,9 menciona o “dia do juízo”; 1Ts 5,2 e 2Ts 2,2 aludem ao “dia do Senhor”; já Lc 17,24s faz referência ao “dia do Filho do Homem”. Palavras correlacionadas à ideia do “dia” são *apokalypsis* (2Ts 1,7 e 1Pd 1,7.13), *epiphaneia* (1Tm 6,14; Tt 2,13) e *parousia* (Mt 24,3.27; 1Ts 2,19; 2Ts 2,1; 1Cor 15,23; Tg 5,7s e 1Jo 2,28).

Ao que tudo indica, no Novo Testamento, o “dia do Senhor” é, agora, o “dia de Cristo”. É, em certo sentido, o “dia” da revelação, da manifestação e, por fim, da vinda e da presença salvífica de Deus em Jesus Cristo.

A vinda de Jesus Cristo inaugura “os últimos dias”, mas não esgota o sentido da presença de Deus na história. Com sua morte, ressurreição e ascensão estabelece-se a esperança pela vinda. Os crentes que o viram subir aos céus aguardam ansiosamente sua vinda para o julgamento final (At 1,11). Assim, por exemplo, está a noção sobre “o dia do Filho do Homem”, cf. Lc 17,24s ou, ainda, Mt 24.

Reconhecem-se em Mt 24, por exemplo, elementos advindos da concepção acerca do “dia” no Antigo Testamento: guerra (24,6s), elementos cósmicos (24,29), sobressalto dos idólatras (24,15), triagem do julgamento (24,37-43), caráter súbito do “dia” e sua imprevisibilidade (24,44). A novidade está por conta da “vinda do Filho do Homem”.

Por outro lado, a expectativa da vinda tem alcance desde a existência cotidiana e, de certa forma, ilumina a vida cristã. A iminência do “dia” alerta para o julgamento dos homens em seu justo e verdadeiro valor, bem como para a avaliação do sentido real das obras humanas (1Cor 3,13; 4,3s).

O curioso é que a esperança da *parusia* é ambígua. Sabe-se com firmeza sobre a vinda, mas ignora-se completamente o momento (At 1,11; Mt 24,42). Parece que, nas origens da Igreja, a fé na vinda de Cristo fazia crer num retorno em período breve de

3. Sobre a concepção hebraica a respeito do tempo, cf. REHFELD, W.I. *Tempo e Religião*. São Paulo, 1998, p. 40. “Para o homem bíblico, há uma razão universal de todo acontecer e esta é a vontade de Deus. Assim, todo devir torna-se expressão da vontade divina e se rege menos por uma lógica ontológica, uma lógica que enforma o pensamento sobre o ‘ser’, do que por uma lógica deontológica, de um raciocínio acerca do ‘dever-devir’, de transformações que, por motivos de justiça moral e social, não podem deixar de se produzir, se não na vida real, que depende grandemente do livre-arbítrio do homem e das suas inconstâncias, pelo menos na aspiração dos justos. [...] Nessa perspectiva, todos os eventos se tornam marcos numa progressão irreversível para um estado messiânico em fins dos tempos históricos.”

tempo (1Ts 4,13); as gerações que se seguiram, contudo, passaram a enxergar essa convicção de forma diferente: Jesus mesmo havia anunciado a demora (Mt 25,5.19), daí, por exemplo, a necessidade constante de vigilância dos mandamentos.

3. A *parusia* em Paulo

Parusia significa geralmente *presença* ou *vinda, chegada*. Desde os Ptolomeus, a palavra foi, no mundo helenístico, o termo protocolar utilizado para a visita oficial de um rei a uma província ou cidade. Era, por causa disso, antecipada por construções e reformas públicas e celebrada com uma entrada triunfal, pagamento especial de tributos e grandes festividades.

No Novo Testamento, o termo é usado majoritariamente por Paulo, que o faz em sentido profano (com o significado da presença ou vinda de homens; 1Cor 16,17; Fl 1,26), e em sentido religioso, representando a vinda de Cristo (1Cor 15,23) e do anticristo (2Ts 2,9).

Parece que o Novo Testamento combinou o sentido técnico político-religioso que o termo possuía no mundo helenístico com as ideias tradicionais do Antigo Testamento a respeito do Dia de Javé, interpretadas, porém, sob a nova luz da pessoa de Cristo.

Basicamente, a preocupação paulina com respeito à *parusia* se dá para responder a dificuldades concretas a respeito da mesma (1Ts 4,13-18; 2Ts 2,1-12; 1Cor 15,12-58) ou para exortar a Igreja à vigilância, à tolerância, ao desapego, à perseverança ou à alegria (Rm 13,11s; 1Cor 4,5; 7,29s; 1Tm 6,13s; Fl 4,4).

Concretamente, Paulo reconhece na *parusia* o “dia” de Cristo, na medida em que assegura à Igreja de Corinto, por exemplo, que a vinda de Cristo será acompanhada da ressurreição, de sorte que todos os justos poderão participar de sua glória, mesmo os já falecidos (1Cor 15,23.52). Da mesma maneira, Paulo declara que mesmo os que não tiverem morrido antes da *parusia* serão, seguramente, transformados “na hora da última trombeta” (1Cor 15.51s; 1Ts 4,16).

4. O “*dia de Cristo*” em Filipenses

Em Filipenses, na primeira e segunda ocorrências da expressão “dia de Cristo”, o contexto é o exórdio (1,1-11) com o qual Paulo agradece a Deus pela vida e pelo empenho dos filipenses na obra do evangelho. Assim, agradece confiante:

Em todas as minhas orações, oro sempre com alegria por todos vós, recordando-me da cooperação que haveis dado na difusão do Evangelho, desde o primeiro dia até agora. Estou persuadido de que aquele que iniciou em vós esta obra excelente lhe dará o acabamento até o *dia de Jesus Cristo* (1,4-6).

E continua:

Peço, na minha oração, que a vossa caridade se enriqueça cada vez mais de compreensão e critério, com que possais discernir o que é mais perfeito e vos torneis

puros e irrepreensíveis para o *dia de Cristo*, cheios de frutos da justiça, que provêm de Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus (1,9-11).

Depois dos v. 1-2, em que aparecem remetente, destinatários e bênção, a carta é introduzida por um trecho relativamente longo de agradecimento (Fl 1,3-11).

Parecem os v. 3 e 5 ecoarem o tema eucarístico, enquanto os v. 4.9-11 explicitam uma oração de intercessão; os v. 4.6.7-8 revelam sentimentos de alegria, confiança e afeto; vistos no conjunto os temas destacam o fato de Paulo não se isolar do contato pessoal com a comunidade: as expressões “toda vez”, “sempre” e “em todas as minhas preces” (v. 3-4) demonstram a insistência da preocupação de Paulo com a comunidade de Filipos.

Há uma clara ligação entre os v. 5 e 6, onde Paulo agradece porque “desde o primeiro dia até hoje” os filipenses assumiram compromissos com o Evangelho e, por causa disso, serão recompensados “até o dia de Cristo Jesus”.

A temática do “dia”, com sua extensa tradição na mentalidade religiosa judaica, assume aqui o papel de confirmação das garantias relacionadas à obra salvífica de Cristo. Pelos filipenses é a oração de que perseverem no Evangelho e adquiram maior compreensão e critério a fim de que se tornem irrepreensíveis para o dia de Cristo.

Em 2,16, o contexto é o da exortação apostólica cujo motivo central é o hino cristológico de 2,6-11; os versículos introdutórios ao hino (2,1-5) e os que o sucedem (2,12-18) funcionam como uma admoestação do apóstolo para que os filipenses preservem o amor e a humildade de Cristo.

Nesse ambiente, Paulo conclama:

Assim, meus caríssimos, vós que sempre fostes obedientes, trabalhai na vossa salvação com temor e tremor, não só como quando eu estava entre vós, mas muito mais agora na minha ausência. Porque é Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em vós o querer e o executar. Fazei todas as coisas sem murmurações nem críticas, a fim de serdes irrepreensíveis e inocentes, filhos de Deus íntegros no meio de uma sociedade depravada e maliciosa, onde brilhai como luzeiros no mundo, a ostentar a palavra da vida. Dessa forma, no *dia de Cristo*, sentirei alegria em não ter corrido em vão, em não ter trabalhado em vão (2,12-16).

Depois de apresentado o conhecido hino cristológico de Fl 2,6-11, o último trecho da seção exortativa (2,12-18) se caracteriza pela retomada do discurso iniciado no princípio do capítulo. Do ponto de vista do conteúdo, a parênese relembra o passado de obediência dos filipenses e os admoesta a preservá-la durante a ausência do apóstolo; mais do que submissão a Paulo o trecho quer garantir a adesão de fé da comunidade. O ponto último da salvação é antecipado pela fidelidade no cotidiano. Há uma estreita relação de continuidade entre a atitude de obediência diária e a salvação futura.

É nesses termos que se insere a expressão “dia de Cristo”, que apresenta, ainda que de modo indireto, a perspectiva da prestação de contas no juízo final. O apóstolo deseja apresentar um motivo válido de orgulho pessoal perante Deus, mas são os filipenses que podem oferecer-lhe isso, fazendo com que a árdua missão apostólica não resulte ineficaz. Isto é dito em termos esportivos: “sentirei alegria em não ter corrido em vão”.

O dia de Cristo é a consumação do trabalho apostólico e, mais do que isso, a plenificação da missão incorporada pelos filipenses quando da aceitação do Evangelho anunciado por Paulo.

Conclusões

Depois de percorrido, brevemente, o tema do “dia” pela Bíblia, vale destacar alguns pontos centrais:

1) Inicialmente, o “dia de Javé” é uma ocasião de intervenção divina na história concreta de Israel, de início para salvar o povo, sem, entretanto, inexistir a possibilidade de punição e castigo para o próprio Israel. Mais tarde, com a emergência de concepções escatológico-apocalípticas, a tônica recai sobre a espera do último “dia”, oportunidade em que o Dia de Javé é um dia de julgamento final de dimensões cósmicas e de abrangência universal.

2) No Novo Testamento, o “dia” está estreitamente relacionado à “vinda” de Cristo, que é, ao mesmo tempo, a espera pelo Dia do Filho do Homem como uma luz sobre a existência cotidiana. Daí a tensão entre a iminência e a tardança da parusia. O Cristo que vem “já” está a caminho, mas “ainda não” plenamente na medida da falta de seguimento de suas palavras.

3) Em Paulo, especialmente em Fl, o “dia de Cristo” é a garantia da obra salvífica de Cristo e, ao mesmo tempo, a consumação do trabalho apostólico na missão evangélica incorporada pelos filipenses.

Assim, o “dia de Cristo” é a releitura cristã da antiga tradição judaica do *yom adonay* revista sob a ótica da pessoa de Cristo. A intervenção de Javé na caminhada de Israel, no passado histórico e na esperança futura “daquele dia”, assume em Cristo um presente escatológico que, ao mesmo tempo, ilumina a fé no futuro salvífico e exige adesão cotidiana ao Evangelho.

Referências

BARBAGLIO, G. *As Cartas de Paulo* (II). São Paulo: Loyola, 1991, p. 353-414.

CULMANN, O. *Christ and Time*. Philadelphia, 1964.

DINGERMAN, Friederich. O anúncio da caducidade deste mundo e dos mistérios do fim. Os inícios da apocalíptica no Antigo Testamento. In: SCHREINER, Josef. *Palavra e*

mensagem. Introdução teológica e crítica aos problemas do Antigo Testamento. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 457-474.

RAD, G. von. *The Origin of the Concept of the Day of Yaweh.* JSS 4, 1959, p. 77-108.

REHFELD, W.I. *Tempo e Religião.* São Paulo, 1998, p. 40.

WEISS, M. *The Origin of the "Day of the Lord" Reconsidered.* HUCA37, 1966, p. 29-60.

CORREALIMA, Maria de Lourdes. *Salvação entre juízo, conversão e graça. A perspectiva escatológica de Os 14,2-9.* Roma, 1998.

Ricardo Lengruber Lobosco
Alam. Eduardo Guinle, 265, Centro
28625-130 Nova Friburgo, RJ
ricardo@lengruber.com